

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



COMPARAÇÕES MEDITERRÂNICAS  
FELICIDADE E INFELICIDADE EM ITÁLIA E PORTUGAL

Rita Rodrigues T. P. Abrunhosa

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Social e das Organizações

2009

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

COMPARAÇÕES MEDITERRÂNICAS  
FELICIDADE E INFELICIDADE EM ITÁLIA E PORTUGAL

Rita Rodrigues Tavares de Proença de Abrunhosa

Dissertação orientada por Teresa Garcia-Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**  
Especialidade em Social e das Organizações

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Teresa Garcia-Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 Publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.

## Agradecimentos

A todos os que tiveram a paciência para esperar pelo nascimento desta modesta tese; aos que me deram força quando desacreditei; aos voluntariosos voluntários dos dois países que participaram apenas por meu pedido, mesmo em recolhas de dados mais morosas e posteriormente inutilizadas; aos vários professores que ao longo destes dois anos me permitiram interromper pontas de aulas para recolher dados; aos que me ajudaram; aos que me dificultaram; aos que pacientemente discutiram comigo as várias formas de prosseguir; aos vários colegas no mesmo género de situação; aos que me fizeram falar e ter ideias (ainda que possa não as ter usado); aos que me fazem entender a tese como um ponto importante de passagem para outro nível.

À Professora Teresa Garcia-Marques, por me ter ajudado a superar os obstáculos do caminho.

À minha Mãe e ao meu Pai, por me terem possibilitado chegar até aqui, depois de várias peripécias no percurso.

À minha restante família alargada, por estar cá.

Obrigada.



## Resumo

Este estudo foca o conceito de Felicidade/Infelicidade no contexto intercultural. Pediu-se a estudantes universitários Portugueses e Italianos para descreverem o que é para eles a Felicidade ou a Infelicidade. Estudos anteriores como o de Uchida & Kitayama (unpublished) sugerem-nos que os factores culturais que têm impacto na percepção e vivência destes conceitos se situam numa dimensão de self interdependente e self independente (Markus & Kitayama, 1991) que pode ser equiparada à de individualismo-colectivismo (Hofstede, 1986). Assim sendo, culturas orientais e ocidentais parecem diferenciar-se na forma como percebem e vivenciam os conceitos de Felicidade/Infelicidade. A leitura feita a esses dados sugere que dois países como a Itália e Portugal, que partilham uma dimensão de individualismo/colectivismo muito próxima, não deveriam diferir na forma como definem estes conceitos (pelo menos não ao nível das diferenças encontrados por Uchida & Kitayama, unpublished). A análise de conteúdo das respostas dos participantes dos dois países permitiu classificá-las a dois níveis: a) como “sociais” vs “pessoais”, b) “positivas” ou “negativas” vs “ambíguas”. Como seria de esperar, por se assumir ambas as culturas como tendo níveis semelhantes de individualismo e colectivismo, não foram encontradas diferenças entre as respostas dos estudantes Italianos e Portugueses.

Palavras-chave: Felicidade – Infelicidade – Itália – Portugal – Interculturalidade



### Abstract

This study places the concepts of Happiness and Unhappiness in a transcultural context. Portuguese and Italian university students described what Happiness and Unhappiness was for them. Previous studies like the one of Uchida and Kitayama (unpublished) suggest that the cultural factors that have an impact in the way we live and understand these concepts are placed in an dependent or interdependent dimension of the self (Markus & Kitayama, 1991), which resembles Hofstede's (1986) dimensions of Individualism-Collectivism. In their study, Oriental and Occidental cultures seem to have different ways of understanding and living Happiness/Unhappiness concepts. These data suggest that two countries like Italy and Portugal, whose values in the Individualism-Collectivism dimensions are near one to another, shouldn't differ in the way these concepts are defined, at least not with the same kind of differences found in Uchida and Kitayama's (unpublished) study. A content analysis of the participants' answers of the two countries gave origin to a two level classification: a) "social" vs. "personal", b) "positive" or "negative" vs. "ambiguous". As expected, once assuming both cultures as similar in I-C levels, no significant differences were found between Portuguese and Italian answers.

**Key Words:** Happiness – Unhappiness – Italy – Portugal – Transcultural



## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	1
<i>A interculturalidade na perspectiva de Hofstede</i> .....	2
<i>A interculturalidade e o Self</i> .....	4
<i>A interculturalidade e o conceito de Felicidade / Infelicidade</i> .....	6
<i>As diferenças culturais vs. as “não diferenças” culturais, relativamente a Felicidade</i> .....	7
<i>Sinopse do presente estudo</i> .....	9
<b>Método</b> .....	9
<i>Participantes e Delineamento</i> .....	9
Material.....	10
<b>Procedimento</b> .....	10
<b>Resultados</b> .....	12
<i>As avaliações das descrições</i> .....	14
<i>Felicidade</i>	
<i>Valência do conceito</i> .....	14
<i>Orientação do conceito</i> .....	15
<i>Infelicidade</i>	
<i>Valência do conceito</i> .....	15
<i>Orientação do conceito</i> .....	15

<b>Discussão</b> .....	16
<b>Referências</b> .....	19
<b>Anexos</b> .....	21
<i>Anexo A: Contexto Teórico</i> .....	22
<i>Anexo B: Exemplo de Questionário</i> .....	27
<i>Anexo C: exemplo de Tabela</i> .....	31
<i>Anexo E Outputs comparações entre países, \ Felicidade</i> .....	36
<i>Anexo E Outputs comparações entre países, \ Infelicidade</i> .....	43
<i>Anexo F: Acordos Inter –juízes</i> .....	46

**ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1: Descrição das categorias do estudo de Hofstede.....	3
Tabela 2: As primeiras quinze descrições para cada conceito e cada país .....	12
Tabela 3: Positivo (Negativo) Ambíguo, Portugal e Itália.....	15
Tabela 4: Pessoal Social, Portugal e Itália.....	16

“Culture is for a human collectivity what personality is to an individual.”

(Hofstede, 1984, p. 21).

A Felicidade é tida em geral como sendo o nosso desejo mais primitivo, aquilo por que ansiamos em toda a nossa vida. O único objectivo que tem valor.

A preocupação com a Felicidade tende hoje em dia a ser premente, tendo aumentado o número de autores que nos procuram fornecer algumas indicações de como a alcançar. Basta ir a qualquer livraria hoje em dia para que nos sejam apresentados vários livros com fórmulas mágicas sobre como alcançar a Felicidade. O conceito de Felicidade é também abordado indirectamente na publicidade. Esta relaciona uma larga variedade de produtos com o conceito de Felicidade. Todos os produtos têm como objectivo oferecer-nos essa tal Felicidade que supostamente nos falta. O tópico é de tal forma saliente que há revistas que se dedicam apenas à exploração do que é a Felicidade e de como alcançá-la, fugindo para sempre do seu ocidentalmente suposto contrário, a Infelicidade. Só em Julho deste ano de 2008, duas revistas, uma de informação, outra de *lifestyle*, surgiram com o tema na capa. (Happy,2008; Visão,2008)<sup>1</sup>.

Todos estes meios de comunicação nos transmitem a ideia geral de que a Felicidade é um estado a alcançar e de que, por contraste, a Infelicidade será o estado a evitar. Se definir o caminho para se alcançar a Felicidade pode ser uma tarefa árdua e subjectiva, para o que há já uma sobrecarga de informação dos meios de comunicação, esta tarefa ainda fica mais dificultada se pensarmos que o próprio fim a ser alcançado é subjectivo e difícil de definir.

Neste trabalho não há o objectivo definir o conceito de Felicidade nem o de oferecer qualquer caminho para lá chegar. Pretende-se apenas abordar o facto deste conceito parecer ser moldado pelas nossas raízes culturais. Estudos recentes (Iyengar, S.S. & Lepper,M.R. 1999; Ji,L.-J., Nisbett, R.E. & Su,Y. ,2001; Nisbett, R.E., Choi, I., Peng, K. & Norenzayan,

---

<sup>1</sup> Por curiosidade, realizámos uma pesquisa no sistema de busca Google, através da pesquisa avançada, adaptada para língua Portuguesa, região Portugal, no caso da pesquisa por Felicidade e *Infelicidade* e para língua Italiana, região Itália no caso da pesquisa por *Felicità* e *Infelicità*. A 28 Nov 19h24m, foram encontradas cerca de 1.330.000 páginas de Felicidade e cerca de 2.750.000 páginas de *felicità*. (28 Nov 19h25m). Cerca de 182.000 páginas de *infelicità*. (28 Nov 19h27m) e cerca de 88.500 s páginas de Infelicidade (28 Nov 19h28m). Uma outra pesquisa revela-nos que a população italiana está próxima dos 60 milhões de habitantes, enquanto a portuguesa está próxima dos 10 milhões, o que resulta em 0.133 sites na internet por habitante para Felicidade em Portugal, e 0,05 para o equivalente em Itália. Relativamente a esta correspondência, quanto aos sites sobre Infelicidade, há 0,008 páginas por habitante em Portugal e 0,003 em Itália. Podemos, por aqui, inferir que estes conceitos têm uma maior existência neste sistema em Portugal do que em Itália.

A.,2001; Kashdan T.B., 2004 ; Uchida, Y., Norasakkunkit, V. & Kitayama,S., 2004) têm sugerido que talvez o que nós queremos alcançar dependa da cultura e o caminho que muitas vezes é apresentado como universal parece não o ser. O que nos faz felizes a nós não é, obrigatoriamente, o mesmo que faz feliz alguém de um outro país.

Para perceber o impacto cultural na forma como percebemos a Felicidade/Infelicidade, analisaremos a abordagem de Hofstede (1984), as sugestões de comparação intercultural que Marcus e Kitayama (1991) nos apresentam e a sua extensão ao campo da Felicidade/Infelicidade.

### *A interculturalidade na perspectiva de Hofstede*

A abordagem de Hofstede oferece-nos um enquadramento para perceber diferenças interculturais. Num estudo levado a cabo nos anos 80, Hofstede (in Hofstede, 1984) demonstra que a comparação de diferentes nações pode ser feita com base nas suas culturas, que se diferenciam essencialmente em quatro dimensões: *Low vs. High Power Distance; Individualism vs. Collectivism; Masculinity vs. Femininity; Uncertainty avoidance*. Estas quatro dimensões gerais afectam de forma previsível quer o pensamento humano, as empresas e as instituições, quer as culturas das nações.

No seu estudo, Hofstede analisou os sistemas de valores dominantes de 40 países e verificou que eles podem ser definidos nessas quatro dimensões. Os dados foram obtidos através de um questionário feito, em 1968 e em 1972, a trabalhadores de 40 países. Na sua maioria, os respondentes são trabalhadores de uma mesma empresa multinacional. As dimensões principais que revelam diferenças, estatísticas, entre as culturas dos 40 países foram denominadas de “*Power Distance*” (“distância ao poder”), “*Uncertainty Avoidance*” (“evitamento da incerteza”), “*Individualism*” (“individualismo”), “*Masculinity*” (“masculinidade”). Todos os países participantes podiam ter valores em cada uma destas quatro dimensões.

<i>Power Distance</i>	Por <i>Power Distance</i> pode entender-se a desigualdade humana. É uma dimensão que está relacionada com a percepção da forma de acção de um superior hierárquico, com o medo que os colegas têm de discordar com as pessoas que ocupam cargos superiores e com o tipo de tomada de decisão que os subordinados preferem ver nos seus patrões.
	Refere a incerteza sobre o futuro, que é um facto da vida com o qual procuramos lidar através dos domínios da tecnologia, da lei, dos rituais. Neste

<i>Uncertainty Avoidance,</i>	estudo, os dados verificam haver várias diferenças na tolerância dada à incerteza, consoante os diversos países.
<i>Individualism</i>	Descreve a relação que prevalece numa dada sociedade, entre o indivíduo e o colectivo. Reflecte-se na forma como as pessoas vivem juntas: em famílias nucleares, em famílias extensas, em tribos, etc. Tem um largo espectro de implicações de valor: em algumas culturas é vista de forma bastante positiva e como portadora de bem-estar, noutras como uma forma de alienação.
<i>Masculinity</i>	Tem como pólo oposto <i>Femininity</i> . Entende que a dualidade de sexos é um factor com o qual as sociedades lidam de diferentes formas, pelo que a questão de se as diferenças biológicas devem ter ou não implicações nos papéis sociais é central nesta dimensão, no sentido em que esta distribuição vai estar patente na socialização nas escolas, nas famílias, em grupos de pares, através da comunicação social. A ideia social mais predominante é a de que o homem será mais assertivo e a mulher mais afectiva.

Tabela1: Descrição das categorias do estudo de Hofstede

Ainda que este estudo de Hofstede (1984) seja mais focado nas relações empresariais, em como podem as empresas multinacionais otimizar as diferenças culturais existentes entre as várias subsidiárias e em como compreender as diferenças de trabalhadores em ambientes interculturais, o facto é que este autor veio apresentar valores a partir dos quais se podia continuar a realizar investigações, confirmatórias ou não, em várias vertentes das diferenças culturais.

Com base na dimensão Individualismo, Diener e Diener (1995) foram verificar se as dimensões sociais do Individualismo e do salário influenciavam de alguma forma as variações interculturais, expressas na força das associações entre as medidas de auto-estima, satisfação com a vida e de satisfação com domínios mais concretos (como família e amigos, por exemplo). Para a realização destas correlações interculturais recolheram uma amostra de estudantes universitários de 31 países, ocidentais e asiáticos, tendo verificado que há diferenças, entre estes países, na forma como a dimensão individualismo se relacionou com heterogeneidade e com riqueza. Averiguaram também que houve correlação entre a auto-estima e a satisfação com a vida, ainda que moderada pela dimensão Individualismo da sociedade. Outras correlações ocorreram, com diferenças entre nações, como as associações entre a satisfação e os níveis da amizade, da família e do nível financeiro. Este último revelou uma maior correlação com a satisfação de vida nos países mais pobres. Neste estudo foi clara a diferença dos construtos de auto-estima e de satisfação com a vida. Exceptuando a satisfação financeira, os valores de Satisfação variaram entre o razoavelmente e o ligeiramente positivo. Ficámos, então, a saber que a covariação entre auto-estima e satisfação

com a vida são menores em nações colectivistas e que também assim é relativamente à satisfação com os amigos. Nas culturas individualistas, as atitudes singulares de uma pessoa, suas emoções e cognições são muito importantes aquando da realização de julgamentos sobre a vida. Pelo contrário, nas culturas colectivistas, as pessoas crescem com a ideia de se inserirem na comunidade e de cumprirem o seu papel social, o que faz com que as atitudes, emoções, cognições singulares não sejam vistas como relevantes.

### *A interculturalidade e o Self*

Markus e Kitayama (1991) utilizam a abordagem de Hofstede para fazer uma abrangente revisão de literatura, concernente aos diferentes construtos que as pessoas de diferentes culturas criam sobre o *Self*, sobre os outros, sobre como estes dois aspectos se coadunam e sobre como estas diferenças podem significar consequências aos níveis das cognição, emoção e motivação.

Baseando-se na abordagem de Markus (1977) sobre os esquemas do *Self*, verificaram que muitas culturas Orientais podiam exemplificar como se organizam os indivíduos com construtos interdependentes do *Self*, enquanto muitas culturas Ocidentais exemplificariam organizações culturais baseadas numa orientação independente do *Self*. As diferenças mais importantes entre estes dois construtos estão ligadas ao papel que “o outro” desempenha na auto-definição dos indivíduos. Se está incluído nas fronteiras que definem o próprio, então o construto será o de interdependência, pois os outros e as relações com eles formadas são aspectos definidores do *Self*. No construto independente, “o outro” tem um papel importante, mas independente do indivíduo, não fazendo parte integrante da definição do *Self*, uma vez que este se vê como completo, com autonomia, existindo para lá da relação com “o outro”.

Ao nível da Cognição, estes autores relatam as diferenças quanto às diferentes descrições e atribuições de acção ao indivíduo ou ao contexto. Relativamente à Emoção, dois conceitos surgem: o de emoções focadas no ego e o das focadas no outro. As emoções focadas no ego são fáceis de reconhecer por nós, ocidentais. São aquelas que pretendem a satisfação própria, como sejam a raiva ou o orgulho. Costumam ser resultantes do bloqueio ou da confirmação de atributos da pessoa, como nos casos da frustração ou do alcance de objectivos. A simpatia, a vergonha, os sentimentos de comunhão interpessoal, são alguns exemplos de emoções focadas no outro. Estas pretendem a facilitação de trocas recíprocas, o que origina comportamento social cooperativo. Muitas vezes, este género de emoção dá azo a que a expressão de atributos internos do próprio seja inibida, o que pode causar alguma inibição e desconforto, e alguma dificuldade de compreensão por parte das culturas que vivem

as emoções de uma forma mais focada no ego. Quanto à Motivação, esta também é condicionada: um Self independente vai sentir-se motivado pelo que envolva algum tipo de necessidade ou motivo interno; um Self interdependente, por sua vez, motivar-se-á por aquilo que o venha a fazer-se sentir integrado com os outros, em relação com estes.

Seguindo esta linha de raciocínio, e uma vez sabendo estas diferenças, tem sentido pensar que, então, muitos dos estudos feitos até agora estarão enviesados pelas formas culturais predominantes de pensamento. Iyengar e Lepper (1999) foram estudar as diferenças relacionadas com o poder de escolha. Isto, porque a teoria e a pesquisa psicológicas têm vindo a assumir ao longo dos tempos a relação entre a motivação e o poder de escolha, afirmando que quanto maior o poder de escolha, maior a motivação, uma vez que assim seriam maiores as sensações de autonomia, controlo, *empowerment*. Como estes estudos têm sido feitos em países ocidentais, individualistas, a veracidade dos resultados e seguinte investigação posterior podem ser consideradas como parcialmente enviesadas.

Fizeram, então, dois estudos. No primeiro, pediram a crianças anglo-americanas e asio-americanas que se envolvessem na realização de anagramas. Dividiram-nas em três grupos: num, as crianças podiam escolher o tipo de anagrama a fazer, noutra era o experimentador que lhes dizia o anagrama a fazer, no terceiro, eram as mães dos participantes que lhes escolhiam os anagramas a realizar. Foram avaliadas a performance na realização dos anagramas assim escolhidos e a subsequente voluntarização para a realização de mais anagramas. Todas as crianças mostraram uma grande motivação no grupo relativo à escolha pelo próprio. No entanto, a motivação mostrada pelas crianças asio-americanas neste grupo é, ainda assim, inferior à motivação mostrada no grupo em que o anagrama a fazer foi escolhido pelas mães. No caso da performance, o mesmo acontece, com as crianças anglo americanas a terem uma melhor performance no grupo em que escolheram o anagrama, enquanto as crianças asio-americanas têm uma melhor performance no caso em que foi a mãe a escolher o anagrama.

No segundo estudo, estes autores foram testar, através de um jogo no computador, a relevância da pessoa que desempenhava o papel que no estudo 1 foi o experimentador a desempenhar. Pretendiam, com isto, esclarecer a importância da pertença dessa pessoa ao grupo do participante. Testaram-se, assim, as diferenças entre a escolha do próprio, a escolha por alguém do grupo (operacionalizada pela pertença à mesma escola do participante) e a escolha por alguém de um grupo de fora (de uma escola diferente da do participante). Nas médias relativas à escala com que o jogo era avaliado, foi possível verificar que os anglo-americanos disseram ter gostado mais do jogo na hipótese de escolha própria e que os asio-

americanos tinham-no preferido no caso de a escolha ter sido feita pelo participante da situação de grupo de inserção. Houve muito mais tentativas de jogo no caso dos anglo-americanos no caso de escolha próprio e de asio-americanos no caso de escolha por alguém do grupo de pertença.

Estes estudos mostram que a motivação é influenciada pelas bases culturais das pessoas, as quais originam modos muito diferentes de comportamentos e de reacções que, sem o entendimento destas diferenças nos fundamentos, seriam de difícil interpretação.

### *A interculturalidade e o conceito de Felicidade/Infelicidade*

Partindo do pressuposto que as culturas Americana e Japonesa se diferenciam na dimensão Individualismo vs Colectivismo Kitayama e Uchida (*unpublished*) foram investigar as consequências desta diferenciação na concepção dos conceitos de Felicidade e de Infelicidade, nas duas culturas.

O estudo baseou-se na descrição separada do conceito de Felicidade e do conceito de Infelicidade por estudantes universitários dos Estados Unidos e do Japão. A análise de uma amostra destas descrições foi feita com base num sistema de escalonamento multidimensional, que sugeriu as dimensões positividade vs negatividade; harmonia social vs realização pessoal como as que permitem uma explicação das diferenças encontradas. Verificaram que os Japoneses apresentaram muitas características com aspectos não-positivos ou mesmo negativos, o que não aconteceu nas descrições fornecidas pela amostra dos Estados Unidos, que continham maioritariamente descrições de aspectos positivos. Em ambas as amostras a experiência de prazer foi colocada entre as ideias de harmonia social e realização pessoal. No entanto, neste caso, os Japoneses colocaram essa ideia de prazer num ponto mais próximo do de harmonia social que do de realização pessoal, junto ao qual as puseram os estudantes da amostra dos Estados Unidos. Abonando a hipótese de que os participantes do Japão estariam mais atentos aos aspectos interpessoais e negativos da Felicidade do que estariam os dos Estados Unidos, os autores verificaram que as consequências disruptivas da Felicidade foram apenas referidas nas descrições fornecidas pela amostra do Japão. Quanto ao estudo sobre o conceito de Infelicidade, os autores consideraram muitas descrições relativas a este conceito como inscritos na noção de “lidar com” a Infelicidade, uma vez que muitas das descrições se apresentavam descrevendo formas de reacção à Infelicidade. No entanto, ainda que com este ponto em comum, as duas amostras demonstraram diferenças na forma como agiam neste sentido. Os Estado-unidenses preferiram a exteriorização de comportamentos e os Japoneses deram maior relevância a reavaliações transcendentais das situações que para eles

representaram Infelicidade ou outras formas para auto-melhoria. Ambas as amostras dos países geraram descrições pessoais e sociais, numa forma homogénea, com as experiências hedónicas negativas a serem o foco das descrições, com as razões para a Infelicidade a terem um papel secundário. Os Japoneses voltaram a ser sozinhos na apresentação de descrições sobre reavaliação transcendental.

Estes resultados mostram diferenças na forma como orientais e ocidentais vivem as suas emoções, seja tendo em conta a adequação ao espaço envolvente que contém ou não o outro, seja através da forma como essa determinada emoção é vivida numa dada cultura, no que se verifica como uma aproximação entre as teorias de Markus e Kitayama (1991) sobre os construtos dependentes e interdependentes e a teoria de Hofstede (1984) das dimensões Individualista e Colectivista das nações, uma vez que as diferenças ocorridas podem ser explicadas pelas duas teorias que ganham, assim, pontos em comum.

#### *As diferenças culturais vs as “Não diferenças” culturais, relativamente a Felicidade*

Neste artigo baseamo-nos na diferença cultural da dimensão individualismo vs colectivismo como fulcral para explicar diferenças culturais nos conceitos de Felicidade e de Infelicidade. Por encontrarem diferenças entre as culturas Americana e Japonesa, Uchida e Kitayama (*unpublished*) sugerem que a dimensão interdependência e independência do *Self* é relevante para as diferenças na concepção da Felicidade. Prosseguindo com a ideia de semelhança entre as duas teorias, a demonstração dessa relação implica igualmente assumir que culturas com níveis semelhantes de individualismo vs. colectivismo deveriam não apresentar essas diferenças<sup>2</sup>.

Nisbett, Peng, Choi e Norenzayan (2001) chamam-nos a atenção para o facto de que todas estas diferenças entre países vão estar relacionadas com a história de desenvolvimento de sistemas de pensamento nas diferentes culturas. Enquanto a cultura grega teria sido a que influenciou a cultura da Europa a chinesa terá tido influências na esfera asiática. A diferença entre estas duas culturas iria estar relacionada com a forma como o indivíduo se percebe e se coloca na sociedade. No caso da cultura vinda da Grécia antiga, o indivíduo é visto como detentor do poder necessário para reger a sua própria vida, num estilo de pensamento mais

---

<sup>2</sup> Uma inferência de contigência implica a análise não apenas a co-ocorrência dos acontecimentos (diferenças a um nível implica diferenças a outro – célula a) mas o facto da não diferença não implicar diferenças – célula b). Em termos técnicos defendemos o uso da regra delta a-b, para completar a argumentação de Uchida e Kitayama (*unpublished*).

analítico, mais linear. Esta forma linear de pensamento pode, segundo Ji, Nisbett e Su (2001), estar relacionada com a crença de que todas as causas têm um efeito e que, conseqüentemente, cada evento pode ser descrito como o efeito de um evento precedente ou como causa de qualquer evento conseqüente.

A relação entre sistema de pensamento e diferenças culturais permite fazer uma correspondência entre as dimensões colectivismo e individualismo de Hofstede (1984) e o construto do self interdependente e independente de Markus e Kitayama (1991), uma vez que:

“The relationship between the individual and the collectivity in a human society is not only a matter of ways of living together, but it is intimately linked with societal norms (in the sense of value systems of major groups of population). It therefore affects both people’s mental programming and the structure and functioning of many other types of institutions besides the family: educational, religious, political, utilitarian. The central element in our mental programming involved in this case is our self-concept.” (Hofstede, 1984, p.151).

Com toda esta informação, podemos pensar que uma cultura partilhada, mesmo que dispersa por dois países diferentes e distantes deve induzir os habitantes aos mesmos construtos do *Self* e, por conseguinte, aos mesmos tipos de conceitos de Felicidade e de Infelicidade. Propomo-nos completar a hipótese de existência de uma relação entre cultura e conceptualização de Felicidade/Infelicidade, abordando dois países mediterrâneos com influências gregas: Portugal e Itália. Ambos têm a mesma influência ao nível do pensamento da Grécia antiga e são detentores de uma mesma origem linguística. Tal como outros países mediterrânicos têm também grande ascendência Judaico-Cristã. Apresentam semelhanças nas localizações relativas nos índices de distância hierárquica e de controlo da incerteza no estudo de Hofstede (1984), o que indica que ambos países evidenciam as desigualdades relativas a dinheiro, poder, status e que ambos tendem a evitar situações ambíguas.

Nos índices de masculinidade e de individualismo, estes países já apresentam diferenças, sendo que Itália se localiza como tendo uma cultura masculina e individualista, enquanto Portugal se localiza como sendo colectivista e com uma cultura feminina (Hofstede, 1984). Através de uma visita internet (<http://www.geert-hofstede.com/>) foi possível verificar que em 2003 estes dados se mantinham.

Tendo em conta a junção das teorias de Hofstede (1984), de Markus e Kitayama (1991) e de Uchida e Kitayama (unpublished), no que diz respeito à associação dos conceitos de colectivismo e de construto independente do *Self*, poderia pensar-se que, nestes dois países, os conceitos de Felicidade e de Infelicidade seriam correspondentes aos encontrados por

Uchida e Kitayama (*unpublished*) quanto aos Estados Unidos ou ao Japão. No entanto, nem Itália se situa num extremo de individualismo americano nem Portugal num extremo de colectivismo Japonês. Ainda que Portugal e Itália variem na localização na dimensão Individualismo-Colectivismo, podemos verificar que a diferença de posições na escala não é muito acentuada. Para além desta diferença, estes países têm, também, muito em comum linguística e historicamente. Assim sendo, pressupomos uma tendência para a semelhança nos conceitos de Felicidade e de Infelicidade.

### *Sinopse do presente estudo*

Com a intenção de verificar quais as diferenças e semelhanças entre estes dois países, realizou-se o presente estudo, para o qual se recolheram descrições sobre Felicidade e sobre Infelicidade, para efectuar uma comparação entre estes dois países, com base inicial no trabalho de Uchida e Kitayama (*unpublished*).

A partir de uma amostra de estudantes universitários de Itália e Portugal, foi feito um levantamento de descrições de Felicidade e de Infelicidade. As características recolhidas foram organizadas aleatoriamente em tabelas divididas pelos dois países e foi pedida a sua caracterização por diferentes juízes, nas dimensões Social ou Pessoal, Positiva (Negativa no caso da Infelicidade) ou Ambígua. Compararam-se estudantes Portugueses e Italianos nestas dimensões e relacionaram-se estes dados com os recolhidos no estudo de Uchida e Kitayama (*unpublished*).

## Método

### *Participantes e Delineamento*

Na primeira parte deste estudo, participaram, de forma voluntária, 140 estudantes universitários de várias faculdades da *Università di Bologna*, em Itália, e 150 estudantes universitários de várias faculdades de várias universidades, em Portugal.

Da amostra italiana, 140 estudantes, com idades compreendidas entre os 20 e os 47 anos de idades ( $M = 23,02$ ;  $D.P. = 3,59$ ) com 59% de participantes do sexo feminino, fizeram parte da primeira parte do estudo. Da amostra portuguesa, 150 estudantes, idades compreendidas entre 19 e 62 anos de idades ( $M = 22,32$ ;  $D.P. = 4,55$ ), 56% feminino,

integraram a primeira parte do estudo. Na segunda parte deste estudo, fizeram parte, voluntariamente, 49 estudantes universitários Italianos e 46 estudantes universitários Portugueses. Nesta parte do estudo não foram recolhidos dados relativos a sexo ou idade.

### *Material*

Na primeira parte deste estudo foi utilizado um questionário simples em português e em italiano (para as amostras respectivas), realizado a partir do utilizado por Kitayama & Uchida (*unpublished*), em formato A5.

Às descrições escritas nesses questionários foram retiradas as repetidas e colocaram-se as restantes, aleatoriamente, em tabelas de trinta descrições cada, para recolha de dados na segunda parte deste estudo.

A totalidade das descrições fornecidas foi analisada, no sentido de verificar as quinze descrições com maior frequência para as quatro situações possíveis: Felicidade em Itália e em Portugal e Infelicidade em Itália e em Portugal.

### *Procedimento*

Para a primeira parte do estudo, os questionários foram recolhidos em situação de sala de aula. Foi pedida a colaboração dos participantes, após o que lhes foi dito que este era um estudo no qual se realizaria a comparação dos conceitos de Felicidade e de Infelicidade entre Italianos e Portugueses, de uma forma anónima, remetendo quaisquer perguntas para o final. Pediu-se-lhes que respondessem às perguntas do questionário pela ordem apresentada e que quaisquer dúvidas que surgissem durante a realização da tarefa fossem apresentadas de forma a poderem ser respondidas individualmente.

O questionário (Anexo B) era constituído por duas folhas formato A5 com o pedido “Escreve, em cada linha, diversos aspectos, características ou efeitos de” Felicidade numa folha e de Infelicidade noutra, contrabalançadas.

Quando os participantes terminavam esta tarefa, era-lhes dada outra folha A5 para que fizessem a avaliação da desejabilidade social de cada uma características escritas anteriormente, para ambas condições, através de uma escala de um a cinco onde um correspondia a “pouco desejável socialmente” e cinco a “muito desejável socialmente”.

Quando terminavam o que era pedido e uma vez recolhidos os questionários na sua totalidade, foram respondidas as dúvidas existentes sobre a natureza do trabalho a ser realizado com os dados obtidos e agradecida a colaboração.

A recolha de dados para a segunda parte deste estudo foi feita de forma individual, por correio electrónico ou por entrega presencial do conjunto de tabelas a preencher. Este continha uma primeira folha apresentando a tarefa a realizar e as definições de cada categorização possível, da seguinte forma:

“Pessoal - Emoção entendida apenas pelo indivíduo, podendo acontecer sem outros à sua volta. Modelo de emoção que enfatiza experiências hedónicas tais como o prazer ou a dor, o gostar ou não-gostar.

Social -Emoção sentida que envolve os outros à sua volta; isto é, sem existirem os outros, ela não existe. O indivíduo é um co-agente que age em sintonia com os objectivos e desejos dos que o rodeiam.

Outro – qualquer emoção que não corresponda às anteriormente descritas.

Positiva – emoção entendida como tal.

Negativa – emoção entendida como tal.

Ambígua - emoção entendida como tal.”

A tarefa consistia no preenchimento, por cruces, dos espaços em frente a cada descrição, para a sua definição como “Social” ou “Pessoal” ou “Outro”, nuns casos, “Positivo” ou “Ambíguo” ou “Outro”, noutros casos, quanto a descrições relativas a Felicidade. Nas tabelas (Anexo C) contendo descrições de Infelicidade, as escolhas eram as mesmas, à excepção da avaliação “Positivo”, que passava a “Negativo”. Cada participante tinha um conjunto de quatro tabelas para preencher: duas com descrições de Felicidade, outras duas com descrições de Infelicidade. Cada uma destas tabelas era relativa a cada um dos conjuntos: duas relativas à contraposição “Pessoal” – “Social” e outras duas referentes a “Positivo” (“Negativo”) – “Ambíguo”.

## Resultados

Com o objectivo de observar diferenças entre Italianos e Portugueses no que diz respeito aos conceitos de Felicidade e de Infelicidade: a) analisaram-se que descrições dos conceitos que foram mais referidas pelos estudantes, e b) compararam-se as categorias descritivas (social vs pessoal e valenciada vs ambígua) utilizadas pelos estudantes Portugueses e Italianos.

*As descrições*

<b>Felicidade</b>				<b>Infelicidade</b>			
<u>Itália</u>	% N=591	<u>Portugal</u>	% N=747	<u>Itália</u>	% N=590	<u>Portugal</u>	% N=742
<i>Amore</i> 31	5,24	Riso 58	7,76	<i>Solitudine</i> 61	10,34	Tristeza 50	6,74
<i>Sorriso</i> 26	4,40	Alegria 50	6,69	<i>Tristezza</i> 31	5,25	Solidão 37	4,99
<i>Serenità</i> 24	4,06	Bem-estar 37	4,95	<i>Pianto</i> 23	3,90	Depressão 34	4,58
<i>Amicizia</i> 21	3,55	Amor 33	4,42	<i>Depressione</i> 22	3,73	Choro 21	2,83
<i>Ottimismo</i> 14	2,37	Amizade 21	2,81	<i>Insoddisfazione</i> 21	3,60	Isolamento 19	2,56
<i>Allegria</i> 14	2,37	Saúde 21	2,81	<i>Mancanza</i> 20	3,40	Frustração 16	2,16
<i>Salute</i> 12	2,03	Boa disposição 18	2,41	<i>Pessimismo</i> 13	2,20	Incapacidades 16	2,16
<i>Benessere</i> 10	1,69	Realização pessoal 16	2,14	<i>Malinconia</i> 12	2,03	Desespero 15	2,02
<i>Spensieratezza</i> 9	1,52	Confiança 16	2,14	<i>Malattie</i> 12	2,03	Angústia 13	1,75
<i>Famiglia</i> 8	1,35	Sucesso 14	1,87	<i>Malessere</i> 11	1,86	Mau humor 12	1,62
<i>Soddisfazione</i> 7	1,18	Atingir objectivos 9	1,20	<i>Apatia</i> 11	1,86	Falta de motivação 10	1,35
<i>Euforia</i> 7	1,18	Euforia 8	1,07	<i>Ânsia</i> 8	1,36	Apatia 9	1,21
<i>Libertà</i> – 7	1,18	Segurança 7	0,94	<i>Noia</i> 8	1,36	Stress 9	1,21
<i>Voglia di fare</i> 7	1,18	Auto-estima 7	0,94	<i>Isolamento</i> 8	1,36	Insegurança 8	1,21
<i>Tranquillità</i> 6	1,01	Família 7	0,94	<i>Incapacità di raggiungere obbiettivi</i> 8	1,36	Vazio 7	1

Tabela 2: As primeiras quinze descrições para cada conceito e cada país

É possível verificar uma semelhança nos termos utilizados nesta amostra de descrições, ainda que nem sempre vistas com a mesma importância.

No que concerne as palavras mais frequentes na descrição de Felicidade, podemos encontrar, comuns aos dois países, amor, amizade, alegria, saúde, família, bem-estar, euforia, riso/sorriso. Nas descrições de Infelicidade, são de salientar as duas expressões mais usadas pelos dois países para descrever Infelicidade, uma vez que são as mesmas, tristeza e solidão, com frequências diferentes. Outras descrições em comum são choro e depressão.

#### *As avaliações das descrições*

Com o objectivo de testar a hipótese de que ambos os países com uma cultura semelhante em termos da dimensão de individualismo-colectivismo partilham um conceito de Felicidade e de Infelicidade, pediu-se a um grupo de juízes que escolhesse a que níveis poderiam classificar a descrição que lhes era apresentada: se esta se inseria num nível a) “Social” vs. “Pessoal”, b) “Positivo” ou “Negativo” vs. “Ambíguo”.

Para minimização de desacordos, foram feitas três avaliações de cada descrição.

Para verificar o grau de consistência inter-avaliações, efectuámos análises do *Kappa* de Cohen, dois a dois, no resultante de três para cada dimensão de categorias, com recurso ao programa estatístico SPSS. Apenas em duas dessas análises (nas relativas a Itália, na categoria Pessoal – Social, nas avaliações 1 e 3 em Felicidade e nas avaliações 1 e 2 em Infelicidade) os dados revelaram haver concordância entre os juízes. Nas restantes análises os resultados indicaram falta de concordância significativa inter-avaliadores.

Pretendendo comparar se as descrições totais realizadas por Italianos e Portugueses se distribuía igualmente pelas categorias “Social” vs. “Pessoal”, “Positivos” (“Negativos”, no caso das descrições relativas à Infelicidade) vs. “Ambíguos”, realizaram-se testes Qui-Quadrado de homogeneidade (um para cada dimensão de categorias).

## *Felicidade (Anexo D)*

### *Valência do conceito*

Relativamente à valência do conceito de Felicidade, entre os dois países pôde verificar-se que as duas amostras não se revelam homogéneas:  $\chi^2(2) = 10.099$ ;  $p = .006$ , ainda que o padrão de distribuição de respostas tende a ser semelhante.

Para verificar melhor esta situação, foi feita uma análise dos dados sem colocar os dados relativos à categorização “Outro”, com a intenção de verificar melhor a distribuição da percentagem. Com um  $\chi^2(1) = 0.194$ ;  $p = .659$ , conclui-se que não há diferenças significativas entre estas duas amostras, no que resulta uma forma semelhante de entender a valência do conceito de Felicidade entre Portugal e Itália.

### *Orientação do conceito*

No que concerne a orientação do conceito, se é visto como “Pessoal” ou “Social”, através dos resultados  $\chi^2(2) = 1.263$ ;  $p = .532$  foi possível verificar que as amostras são homogéneas.

## *Infelicidade (Anexo F)*

### *Valência do conceito*

Numa análise da valência do conceito de Infelicidade, verificou-se inicialmente uma não-homogeneidade das amostras:  $\chi^2(2) = 17.607$ ;  $p = .000$ . Uma segunda análise foi feita, então, sem os dados relativos à categoria “Outros”. Esta veio a revelar uma homogeneidade de amostras:  $\chi^2(1) = 2.674$ ;  $p = .102$ .

### *Orientação do conceito*

Sobre a orientação do conceito Infelicidade, verificou-se homogeneidade de amostras, através dos valores:  $\chi^2(2) = 3.380$ ;  $p = .185$ .

A totalidade de respostas em cada categorização apresenta-se nas tabelas 3 e 4.

	<u>Felicidade</u>				<u>Infelicidade</u>			
	<b>Positivo</b>	<b>Ambíguo</b>	<b>Outro</b>		<b>Negativo</b>	<b>Ambíguo</b>	<b>Outro</b>	
<b>Portugal</b>	350 (78%)	86 (19%)	12 (0,03%)	448	342 (78%)	83 (19%)	11 (0,03%)	436
<b>Itália</b>	306 (63%)	137 (28%)	43 (0,09)	486	340 (70%)	108 (22%)	41 (0,08%)	489

Tabela 3: Positivo (Negativo) Ambíguo, Portugal e Itália

	<u>Felicidade</u>				<u>Infelicidade</u>			
	<b>Pessoal</b>	<b>Social</b>	<b>Outro</b>		<b>Pessoal</b>	<b>Social</b>	<b>Outro</b>	
<b>Portugal</b>	290 (65%)	137 (31%)	21 (0,05%)	48	287 (66%)	118 (27%)	31 (0,07%)	36
<b>Itália</b>	369 (76%)	83 (17%)	34 (0,07%)	86	317 (65%)	121 (25%)	51 (10%)	89

Tabela 4: Pessoal Social, Portugal e Itália

Nestas podemos constatar que nos dois países as categorias que obtiveram mais 50% de respostas foram, na Felicidade, as categorias Positivo e Pessoal; na Infelicidade, as categorias Negativo e Pessoal.

## Discussão

“Like it or not, linguistic meaning cannot be ignored in the study of emotions.”

Cliff Goddard, p.291

Este estudo teve como objectivo estender a argumentação de Uchida e Kitayama (*unpublished*), a qual sugeria a existência de uma relação entre as dimensões individualismo e colectivismo de uma cultura e os conceitos de Felicidade e de Infelicidade. Esta associação não só pressupõe que as culturas que se diferenciem na primeira dimensão se diferenciem na

segunda (como demonstrado pelos autores) como deve igualmente implicar que culturas que não se diferenciem na dimensão de individualismo-colectivismo partilhem a noção de Felicidade e Infelicidade.

Os dados que aqui apresentamos suportam este pressuposto. Ainda que ao nível de categorização, Itália e Portugal se encontrem em locais diferentes na escala de Individualismo – Colectivismo, o facto é que a diferença de localização não é grande, permitindo demonstrar que Italianos e Portugueses tendem a partilhar os conceitos de Felicidade e Infelicidade. Na realidade os resultados obtidos não mostraram nenhuma diferença notória entre as descrições destes conceitos. Estas foram analisadas através de avaliadores independentes, que as inseriram em categorias, tendo resultado em não ter havido diferenças estatísticas significativas entre a categorização posterior das descrições entre países, o que indicia semelhança nas formas de entender os conceitos de Felicidade e de Infelicidade pelos dois países. Para além da análise estatística, também a semelhança entre as primeiras quinze descrições de cada categoria, de cada país, são indicadores de proximidade.

Para além de nos fornecer evidência sobre a relação postulada por Uchida e Kitayama (*unpublished*), este estudo gera um aumento do conhecimento de dados interculturais entre dois países com origens comumente vistas como semelhantes mas com dados de estudos que indicavam algumas diferenças. Pretendia-se verificar se estes países apresentariam diferenças ou semelhanças na forma de entender os conceitos de Felicidade e de Infelicidade.

A identificação dos processos sociais, políticos ou psicológicos que explicam a forma e razões de surgimento dos significados que estão activos ou não, numa determinada cultura, é importante no estudo de culturas (Schweder & Sullivan, 1993). Para estes autores, a cultura é um poço de significados possíveis, trazidos à luz dos processos psicológicos dos indivíduos de dada sociedade através de aculturação passível de ser realizada de diversas formas.

Estes resultados vêm reforçar a ideia de Portugal e Itália como países de construtos do *Self* independentes, de acordo com Markus e Kitayama (1991) e Uchida e Kitayama (*unpublished*), uma vez que as categorias que os avaliadores consideraram representar mais de 50% do total de descrições apresentadas (em todas as suas vertentes de Felicidade e de Infelicidade, para os dois países) foram as relativas às categorias Pessoal e Positivo, no caso da Felicidade e Pessoal e Negativo no caso de Infelicidade. Isto indica que ambos países valorizam o *Self* como independente, como uno, completo em si, sem que as relações com os outros sirvam uma função de definição implicada do *Self*. Indica também uma falta de ambiguidade nos dois conceitos, uma visão destes conceitos como total: a Felicidade é totalmente Felicidade, assim como a Infelicidade é totalmente Infelicidade. São raras as

descrições que indiquem algum género de revés que proporcione Felicidade. Nas que aparecem, são insignificantes as referências à necessidade de pensamento durante a Infelicidade (o qual poderia indicar um ponto positivo no estado de Infelicidade).

Já no estudo “Portugal, Valores Europeus Identidade Cultural”, podemos observar como, em 1993, Itália e Portugal não diferiam muito nas suas formas de estar socialmente relativamente aos outros.

Estes resultados mostram também não haver uma obrigatoriedade de relação entre o construto independente do *Self* e a categoria individualismo de Hofstede (1984), tendo em conta estas semelhanças dos dois países e as diferenças nas categorias propostas por esse autor. Isto pode explicar porque este paralelismo não consta nos textos de Markus e Kitayama (1991) nem de Uchida e Kitayama (*unpublished*). Apresentam, também, por isso, uma maior abrangência no estudo das diferenças e semelhanças interculturais, uma vez que mostram como há mais do que uma categorização possível estes estudos, sem obrigatoriedade de correspondência com outra existente.

Estas diferenças podem ter ocorrido também por a dimensão individualismo de Hofstede poder conter mais do que uma dimensão em si. Segundo Schwartz (1994), esta dimensão contém, em si, a dimensão que opõe a concepção de pessoa autónoma à de pessoa em relação, e aquela que opõe a concepção de demanda por objectivos pessoais à de busca de objectivos colectivos.

Uma limitação deste estudo é a falta de suporte empírico directo e sistemático para o pressuposto de que Portugueses e Italianos têm dimensões semelhantes de colectivismo e individualismo. Um futuro estudo deve focar este aspecto para que a argumentação fique mais completa.

Uma outra possível limitação deste estudo é a de a amostra deste estudo se ter baseado em estudantes universitários, o que, como referido em Diener e Diener (1995), pode significar que algumas noções, como a financeira, não estejam claras. No entanto, afirmam também, esta amostra pode ser vantajosa, no sentido em que as diferenças se esbatem, pois a probabilidade de estes indivíduos partilharem circunstâncias de vida é grande.

Por não terem sido recolhidos dados sobre género ou idade na segunda parte do estudo, perdeu-se uma possível fonte de informação sobre diferenças entre géneros. Ainda que não tivesse sido feita na primeira parte do estudo, é passível de realização. Devido a constrangimentos temporais, limitámo-nos ao foco da pesquisa.

Pensamos possa ser interessante uma outra análise aos dados já recolhidos, direccionada para o destaque da utilização de palavras referentes a acção.

Deve realçar-se a necessidade de investigação constante nesta área, uma vez que é uma área na qual há pouca investigação, por ser uma área emergente. Da consulta bibliográfica realizada, apenas o estudo de Uchida e Kitayama (*unpublished*), que serviu de base inicial a este estudo, faz a comparação dos conceitos de Felicidade e de Infelicidade entre culturas. Assim, o presente estudo pretende aumentar a gama de informações disponível sobre este tema. São vários os textos que referem a importância da continuidade da investigação no campo dos estudos interculturais (D'Andrade, 1984; Uchida, Noranzakkunkit & Kitayama, 2004; Markus & Kitayama, 1991; Kitayama, Mesquita & Karasawa, 2006), de modo que esta é a pertinência deste estudo, que pretende contribuir para a comparação importante que é a que é feita sobre as diferentes, ou semelhantes, formas de sentir.

## Referências

Camacho, P. (2008). *Visão*, 800, 3

D'Andrade, R. (1984). Cultural meaning systems. In R. A. Shweder & A. Levine (Eds.) *Culture theory: Essays on mind, self and emotion* (pp. 88-119). Cambridge: Cambridge University Press.

Diener, E. & Diener, M., (1995). Cross-cultural correlates of Life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (4), 563-663.

Dillon, C.M. & Carr, J.E. (2007). Assessing indices of happiness and unhappiness in individuals with developmental disabilities: A review. *Behavioral Interventions*, 22, 229-244.

Fonseca, R., Silva, P. & Silva, R. (2007). Acordo inter-juízes:O caso do coeficiente kappa. *Laboratório de Psicologia*,5(1), 81-90.

França, L. de (1994). Introdução. In L. de França (Ed). *Portugal:Valores europeus, identidade cultural*. (pp. 15-42) Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Galinha, I. & Ribeiro, P. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 6(2), 203-214.

Glatzer, W. (2000). Happiness: Classic theory in the light of current research. *Journal of Happiness Studies*, 1, 501-511.

Goddard, C. (1995). Conceptual and cultural issues in emotion research. *Culture & Psychology*, 1, 298-298.

- Halman, L. (2003). Capital social na Europa contemporânea. In J. Vala, M. V. Cabral & A. Ramos (Eds.). *Valores sociais: Mudanças e contrastes em Portugal e na Europa* (pp. 257-289). Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.
- Hofstede, G. (1984) *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills: Sage
- Hofstede, G. (1986). *Cultures consequences, international differences in work-related values (second printing)*. Abridged Edition: Sage.
- Hofstede, G. (1997). *Culturas e organizações – Compreender a nossa organização mental*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hofstede, G. (2003) consultado em 29 Nov, 2008, através de <http://www.geerthofstede.com/>
- Iyengar, S.S. & Lepper, M.R. (1999). Rethinking the value of choice: A cultural perspective on intrinsic motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (3), 349-366.
- Ji, L. J., Nisbett, R.E. & Su, Y. (2001). Culture, change, and prediction. *Psychological Science*, 12 (6), 450-456.
- Kashdan T.B. (2004). The assessment of subjective well-being (issues raised by the Oxford Happiness Questionnaire). *Personality and Individual Differences*, 36, 1225–1232
- Kitayama, S., Mesquita, B. & Karasawa, M. (2006). Cultural affordances and emotional experience: Socially engaging and disengaging emotions in Japan and the United States. *Journal of Personality and Social Psychology: Interpersonal Relations and Group Processes*, April.
- Kwan, V. S. Y., Bond, M. H., & Singelis, T. M. (1997). Pancultural explanations for life satisfaction: Adding relationship harmony to self-esteem. *Journal of*

*Personality and Social Psychology*, 73, 1038-1051.

- Lombard, M., Snyder-Duch, J., & Bracken, C. (2005). Practical resources for assessing and reporting intercoder reliability in content analysis research projects. Consultado em 1 Dez, 2008, através de:  
<http://www.temple.edu/mmc/reliability/#How%20should%20researchers%20%20calculate%20intercoder%20reliability%20What%20software%20is%20available>
- Lucariello, J. (1995). Mind, culture, person: Elements in a cultural psychology. *Human Development*, 38, 2-18.
- Markus, H. R. (1997). Self-schemata and processing information about the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35, 63-78.
- Markus, H.R. & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, motivation, and emotion. *Psychological Review*, 98 (2), 224-253.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com Utilização do SPSS* (3ªed). Lisboa: Edições Sílabo
- Nisbett, R.E., Choi, I., Peng, K. & Norenzayan, A. (2001). Culture and systems of thought: Holistic versus analytic cognition. *Psychological Review*, 108 (2), 291- 310.
- Oliveira, J.H.B. (2003). Perdão e Felicidade: Uma abordagem intercultural. *Psicologia, Educação e Cultura*, VII (2) 283-312.
- Pinto, M.C., Neto, F. (2006). Felicidade em adolescentes portuguesas e originárias dos PALOP. *Psicologica*, 42, 275-294 .
- Ramos, C. (2008). *Happy*, 29.

- Schwartz, S.H. (1994). Beyond individualism/collectivism: New cultural dimensions of values. In K.Uichol, H.C.Triandis, Ç Kâgitçibasi, S.-C. Choi, G. Yoon (Eds). *Individualism and collectivism – Theory, method , and applications* (pp. 85-119).Thousand Oaks: Sage.
- Schweder, R.A. & Sullivan, M. A. (1993). Cultural psychology: Who needs it? *Annual Review of Psychology*, 44, 497-523.
- Siegel,S. & Castellan, Jr., N. J. (1988). *Non Parametric statistics for the behavioral sciences*. (2<sup>nd</sup>ed). USA: McGraw-Hill, Inc.
- Smith, P.B., Trompenaars, F. & Dugan, S. (1995). The rotter locus of control scale in 43 countries: A test of cultural relativity. *International Journal of Psychology* 30 (3), 377-400.
- Uchida,Y. & Kitayama, S. (unpublished). Happiness and unhappiness in East and West: Themes and Variations.
- Uchida, Y., Norasakkunkit, V. & Kitayama,S. (2004). Cultural constructions happiness: Theory and empirical evidence. *Journal of Happiness Studies*, 5, 223-239.

ANEXOS



ANEXO A



## Contexto Teórico

Durante algum tempo pensou-se que vários aspectos da cognição, da emoção e da motivação eram independentes da cultura. (Markus & Kitayama, 1991)

Lucariello (1995) afirma que a ideia da inseparabilidade da cultura e da cognição é comum a vários pontos de vista da psicologia cultural corrente, ainda que com diferentes sistematizações.

Uma das formas de verificar diferenças entre países é através da comparação de dados sociais, como seja o capital social, definido por Coleman (1990, Loek Halman, in Vala J., Cabral M.V., Ramos, A., 2003, p 257-292) como sendo “uma componente básica de uma lógica de acção que facilita a cooperação social e a obtenção de bens colectivos correntes permitindo ‘a prossecução de determinados fins que, na sua ausência seriam inalcançáveis’ ”. Através do capital social podemos verificar, neste estudo, as diferenças entre 29 países.

A relatividade cultural foi averiguada por Smith, Trompenaars e Dugan (1995), através da aplicação da escala de Locus de controlo de Rotter a amostras de 43 países. Desta aplicação, foi verificado que as três dimensões provenientes da solução MDS indicaram que os items de Rotter que foram mais frequentemente adoptados por membros de diferentes culturas são bastante diferentes. Estas três dimensões encontradas foram a dimensão Pessoal-Política, a dimensão Individual-Social e a dimensão Sorte. Na visualização de uma tabela MDS com as dimensões Pessoal-Política e Individual-Social, é possível verificar a proximidade de Portugal e Itália, os países do presente estudo. A primeira destas dimensões está relacionada com a forma de lidar com constrangimentos exteriores, a qual pode ser feita através da modificação da situação, ou por adaptação a esta; a segunda dimensão está relacionada com a realização ou não de planeamentos prévios para obtenção de objectivos, algo a que as culturas Ocidentais dão muito valor (Nisbett, Choi, Peng & Norenzayan, 2001).

Hofstede (1986) teve a oportunidade de verificar diferenças entre vários países, em circunstâncias que permitiam uma comparação de situações muito semelhantes nesses países. Baseando-se noutros estudos, encontrou 4 dimensões constantes em todos os países, ainda que cada país tivesse quantidades diferentes de cada uma dessas dimensões. Essas dimensões (Distância Hierárquica; Individualismo-Colectivismo; Masculinidade-Feminilidade; Controlo da Incerteza) juntamente com outra, descoberta mais tarde através de um questionário realizado com influência da cultura Oriental, vieram permitir a descrição das diferenças culturais através de tipologias. (Hofstede, 1997)

Por sociedades colectivistas, podemos entender aquelas em que o interesse do grupo se sobrepõe ao interesse do indivíduo, podendo vir a criar-se, entre o indivíduo e o grupo de pertença, uma relação de dependência prática e psicológica. Por outro lado, nas sociedades individualistas, o grupo de pertença inicial, a família, é, geralmente, constituído pelo núcleo familiar (pai, mãe, irmãos) e as crianças aprendem cedo a fazer a constituição da sua identidade pessoal, catalogando os outros pelas suas características individuais. (Hofstede, 1997)

Baseando-se na dimensão Individualismo, Diener e Diener (1995) compararam a satisfação com a vida e a auto-estima em 31 países, e verificaram que a auto-estima é um melhor preditor de satisfação com a vida no caso das culturas individualistas do que nas colectivistas.

Markus e Kitayama (1991) integram teorias de antropologia e de psicologia para especificar os conceitos de self independente e interdependente, após o que verificam que as pessoas de cada uma destas duas culturas têm constructos muito diferentes do self, dos outros, e da interdependência entre estes dois. Estes dois autores afirmam que a forma como as pessoas, inicialmente e partindo daí, apreendem e compreendem o mundo que as rodeia está enraizada nas suas auto-percepções e auto-entendimentos os quais estão, por sua vez, constringidos por padrões de interações sociais características da cultura na qual estão inseridos.

A diferença mais significativa entre os dois constructos que Markus e Kitayama (1991) apresentam é o papel que o outro tem na auto-definição de alguém: num ponto de vista interdependente o self é construído vendo o outro como incluído nos limites do seu ser, isto é, o sentido de individualidade presente neste ponto de vista inclui uma atenção e responsabilidade pelos outros, e espera, explícita ou implicitamente, uma reciprocidade de comportamento destes outros, de modo a que a relação interpessoal e recíproca se mantenha; num ponto de vista independente, o papel dos outros não é tão central na auto-definição ou identificação de alguém, uma vez que, ainda que representem um papel importante em termos de comparação social ou para reflectir a apreciação própria, ou mesmo como alvos da acção do self, este self é assumido como sendo uma entidade completa, totalmente preenchida, autónoma, sem os outros, como uma entidade que produz as suas próprias acções. O ponto de vista interdependente está geralmente associado às culturas asiáticas e o ponto de vista independente, por sua vez, às culturas Norte Americanas, assim como a vários países da Europa Ocidental.

Vários estudos verificam as diferenças culturais existentes entre a cultura Ocidental e a Asiática. Iyengar e Lepper (1999) verificaram, através de dois estudos com crianças Anglo-Americanas e Asio-Americanas, que a possibilidade de escolha pessoal em situações específicas produz, geralmente, maior satisfação nas crianças Anglo-Americanas do que nas Asio-Americanas, o que é relatado como estando relacionado com o que, nestas crianças, produz maior ou menor motivação intrínseca.

Ji, Nisbett e Su (2001) verificam, em 5 estudos, como Chineses e Americanos (EUA) têm formas diferentes de prever o futuro, acção que pode ter influência nas atribuições sociais, na tolerância à contradição, na persistência de tarefa e na ilusão de controlo.

Pretendendo verificar diferenças relativas às formas de vivenciar emoções, Kitayama, Mesquita e Karasawa (2006) realizaram dois estudos interculturais entre Japoneses e Americanos (EUA), onde mediram, repetidamente, emoções de entrosamento social e as do seu contrário, verificando que os Japoneses mostram tendência a experienciar entrosamento social, ao contrário dos Americanos (EUA). Os autores consideram que a construção sistemática e consistente das emoções ao longo do tempo é influenciada pelas diferenças culturais estabelecidas, no que se referem a padrões de emoção.

Com também uma amostra representativa do Japão e dos EUA, Uchida e Kitayama (in press) foram corresponder a forma como nestes dois países se vivem os sentimentos de Felicidade e de Infelicidade, ao que correspondem. Assim, que no Japão os sentimentos de Felicidade estão mais ligados a sentimentos de Harmonia Social, ao passo que nos EUA a Felicidade é mais sentida quando relacionada com auto-realização. Quanto à Infelicidade, os autores verificaram que as formas de lidar com esta são marcadamente diferentes nos dois países: nos EUA dá-se maior relevância à exteriorização de comportamentos; no Japão lida-se com a Infelicidade através de reapreciações transcendentais das situações e da auto-melhoria.

#### *Mais estudos sobre o tema*

Não só nas revistas e na internet se podem encontrar estudos diversos sobre Felicidade.

Áreas tão diferentes como a da intervenção comportamental ou da personalidade e diferenças individuais vêm no estudo da Felicidade uma forma de acrescentarem mais-valia aos seus usuários. No primeiro caso, interessou-lhes verificar índices de Felicidade e de Infelicidade, para que pudessem melhorar a forma de chegar às pessoas com deficits de desenvolvimento (Dillon & Carr, 2007). No segundo caso, pretendem uma revisão do

questionário de Oxford que estuda o Bem-Estar subjectivo (Kashdan, 2004), tema sobre o qual Galinha e Ribeiro (2005) fazem o percurso histórico.

Um outro texto, já mais direccionado para a área da Felicidade, refere que a Felicidade pode ser medida através de relatórios escritos pelas próprias pessoas, uma vez que, afirma, as respostas pelas pessoas têm tido validade (Glatzer, 2000). A economia é outra área que tem vindo a interessar-se pelo estudo da Felicidade, o qual tem raízes nas ciências económicas (Frey and Stutzer, 2000, in Glatzer, 2000).

De forma dispersa, podemos encontrar também estudos interculturais que incluam o conceito de Felicidade, como acontece no estudo de Oliveira (2003), no qual o autor faz uma abordagem intercultural aos temas do perdão e da Felicidade, ou o de Pinto e Neto (2006), sobre a Felicidade em adolescentes portugueses e de famílias dos PALOP.

ANEXO B



Escreve, em cada linha, diversos aspectos, características ou efeitos de Felicidade.

a) \_\_\_\_\_

—

b) \_\_\_\_\_

—

c) \_\_\_\_\_

—

d) \_\_\_\_\_

—

e) \_\_\_\_\_

—

Ano de nascimento \_\_\_\_\_

F / M

Escreve, em cada linha, diversos aspectos, características, efeitos de Infelicidade.

a) \_\_\_\_\_

—

b) \_\_\_\_\_

—

c) \_\_\_\_\_

—

d) \_\_\_\_\_

—

e) \_\_\_\_\_

—

Ano de nascimento \_\_\_\_\_

F / M

Classifica todos os aspectos por ti escritos acima, valorizando-os na escala de 1 a 5 que se segue, onde 1= muito indesejável socialmente e 5= muito desejável socialmente.

Felicidade:

a) - 1 2 3 4 5

b) - 1 2 3 4 5

c) - 1 2 3 4 5

d) - 1 2 3 4 5

e) - 1 2 3 4 5

Infelicidade:

a) - 1 2 3 4 5

b) - 1 2 3 4 5

c) - 1 2 3 4 5

d) - 1 2 3 4 5

e) - 1 2 3 4 5



ANEXO C



<b><u>Infelicidade</u></b>	Negativo	Ambíguo	Outro
Arrependimento (só em casos significativos)			
Não estar bem a nível familiar			
Não realização pessoal			
Prejudicar alguém			
Tempo excessivo na faculdade			
Falta de paciência para tarefas mínimas			
Exaustão			
Pessoas constantemente insatisfeitas (sem razão para tal)			
Por vezes conduz a vícios			
Não conseguir dormir			
Não ter certeza de que estudo a área que gostava de exercer			
Cansaço sem explicação			
Pensar constantemente em situações más			
Não saber o que realmente gostava de fazer no futuro (a nível profissional)			
Sensação de inutilidade			
Incapacidade para sorrir			
Choro (nervos)			
Insegurança no trabalho e em casa			
Assistir a uma discussão			
Vontade de desistir de tudo			
Pode levar à depressão			
Um amigo infeliz			
Desequilíbrio			
Descontentamento			
Não haver um olhar sentido num dia inteiro			
Falta saúde			
Infelicidade			
A cobardia em assumirmos as nossas diferenças e os nossos ideais			
Incapacidade de vencer			
Amargura			
Excesso de emoção			



ANEXO D



## Felicidade

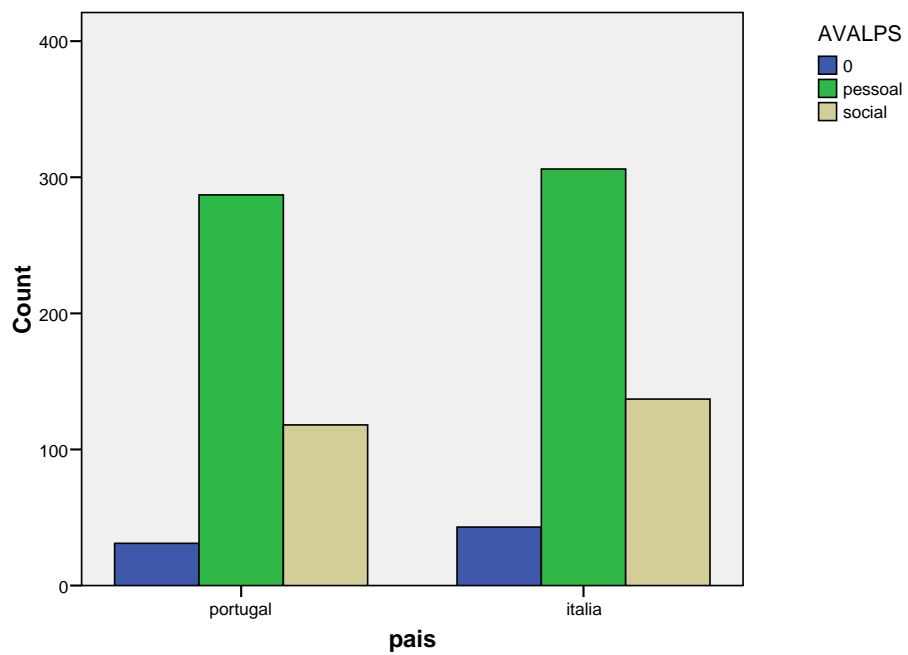
## Pessoal Social

## Chi-Square Tests

		V alue	df	Asy mp. Sig. (2- sided)
Square	Pearson Chi-	1, 263(a)	2	,532
	Likelihood	1, 268	2	,531
Ratio	N of Valid	9		
Cases		22		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 34,99.

## Bar Chart



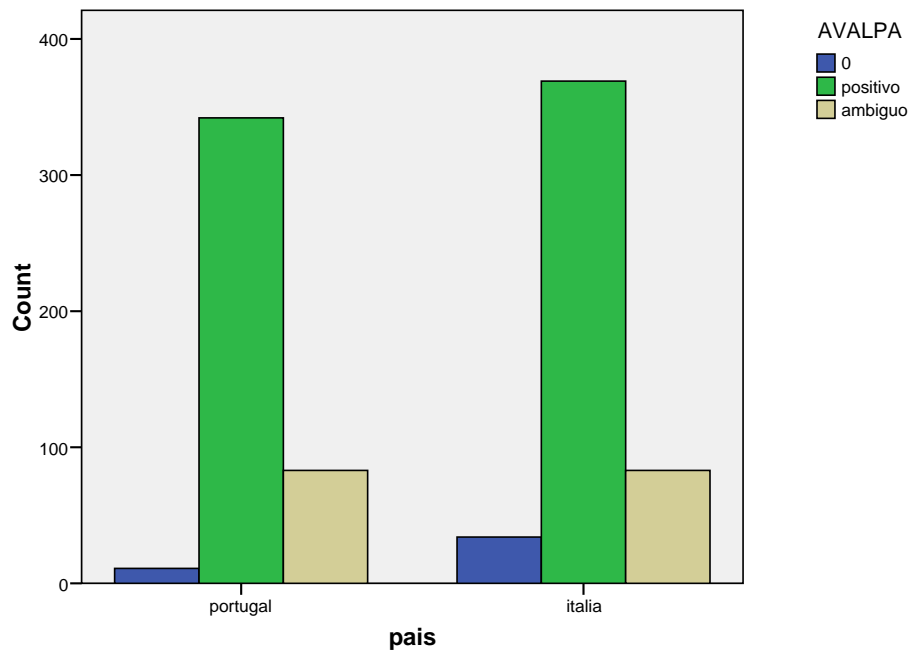
## Positivo Ambíguo

## Chi-Square Tests

		V alue	df	Asy mp. Sig. (2- sided)
Pearson Chi-Square		1	2	,006
		0,099(a)		
Likelihood Ratio		1	2	,005
		0,643		
N of Valid Cases		9		
		22		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,28.

## Bar Chart



## Pessoal Social S/ Outros

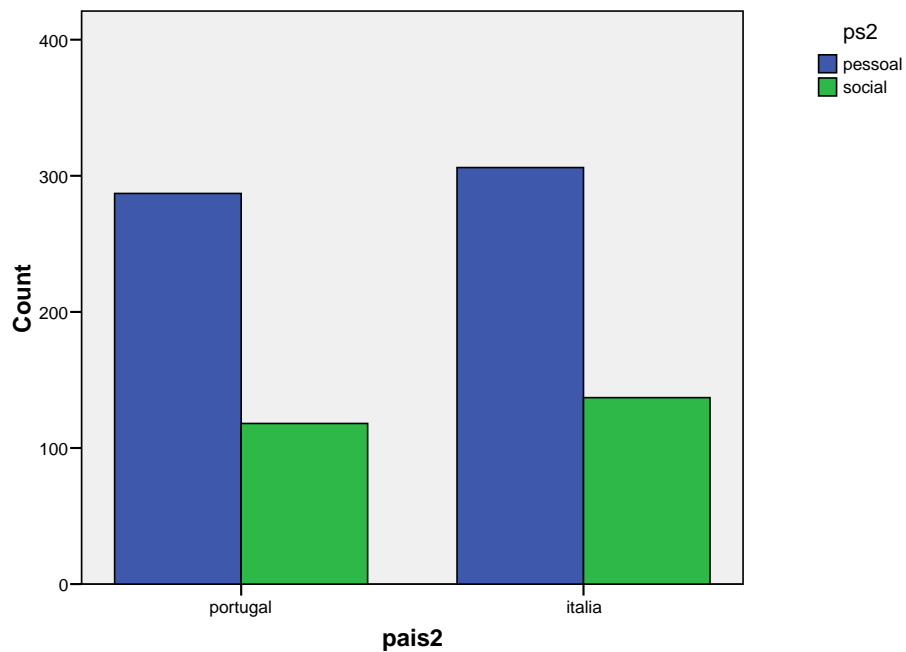
## Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,322(b)	1	,570		
Continuity Correction(a)	,243	1	,622		
Likelihood Ratio	,322	1	,570		
Fisher's Exact Test				,600	,311
N of Valid Cases	48				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 121,79.

## Bar Chart



## Positivo Ambíguo S/ Outros

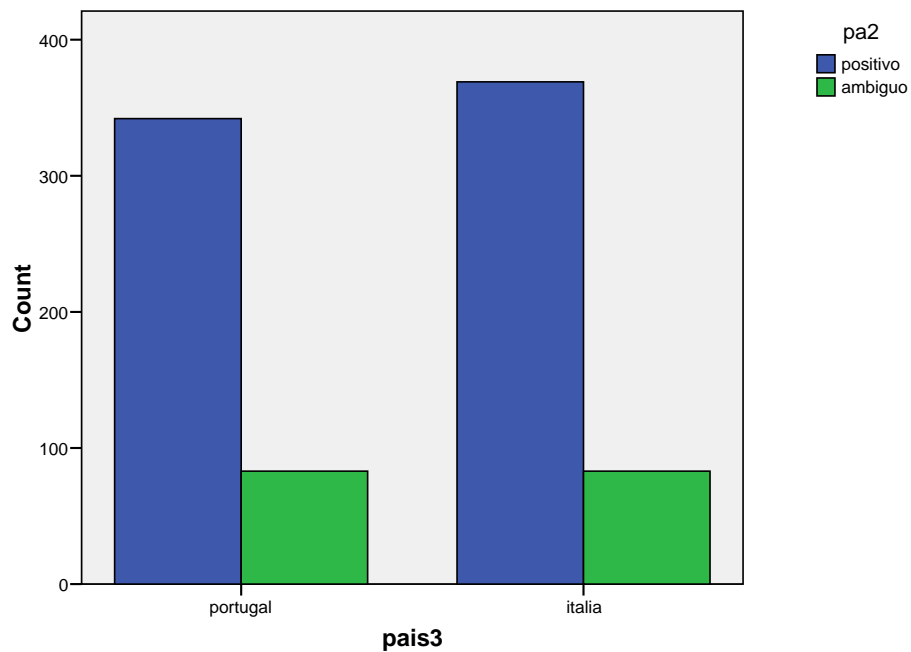
## Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,194(b)	1	,659		
Continuity Correction(a)	,126	1	,723		
Likelihood Ratio	,194	1	,659		
Fisher's Exact Test				,667	,361
N of Valid Cases	877				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 80,44.

## Bar Chart



## ANEXO E



## Infelicidade

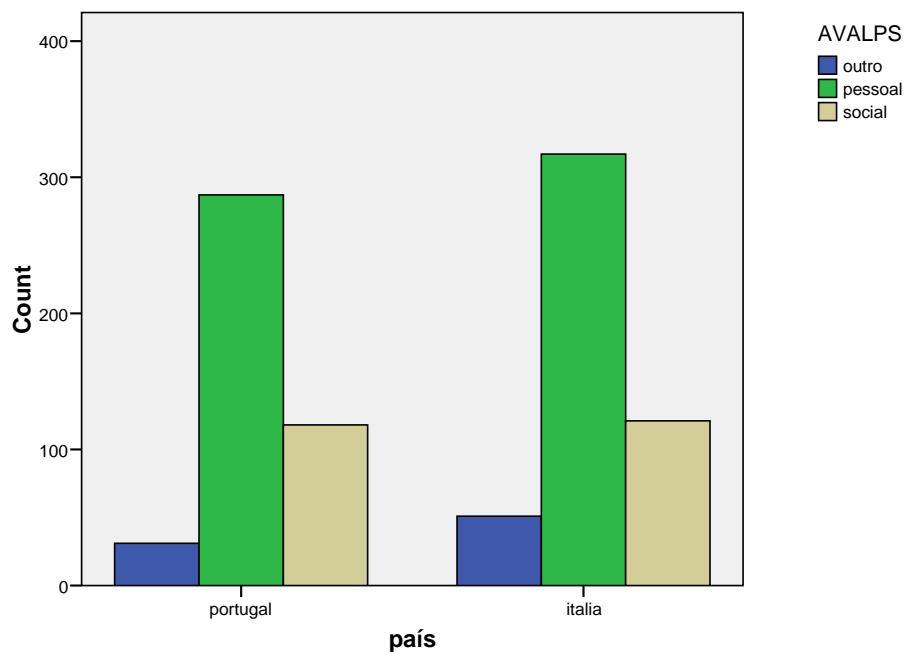
## Pessoal Social

## Chi-Square Tests

		V alue	df	Asy mp. Sig. (2- sided)
Square	Pearson Chi-	3, 380(a)	2	,185
	Likelihood	3, 418	2	,181
Ratio	N of Valid	9		
Cases		25		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 38,65.

## Bar Chart



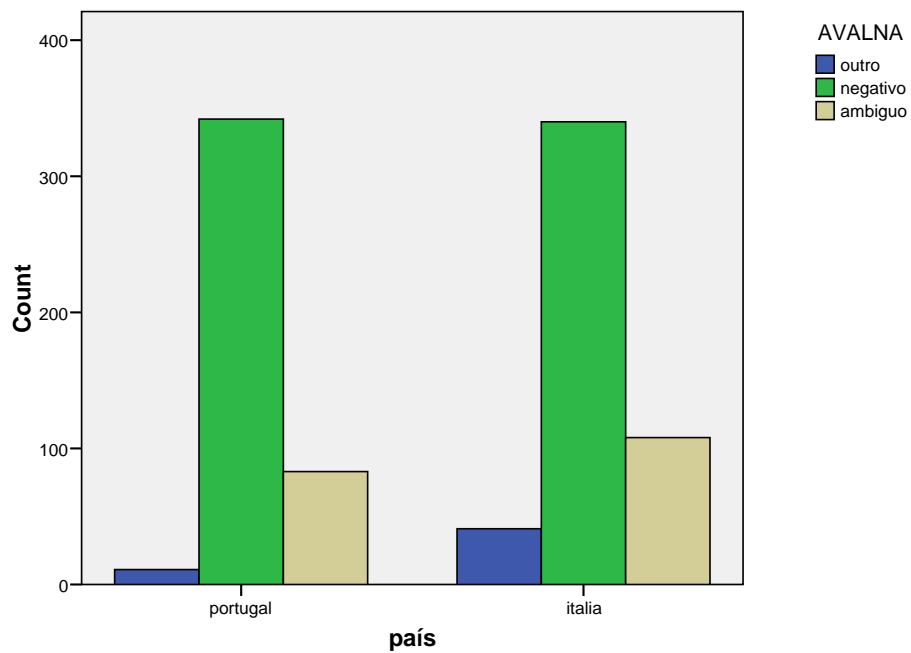
## Negativo Ambíguo

## Chi-Square Tests

		V alue	df	Asy mp. Sig. (2- sided)
Pearson Chi-Square		1	2	,000
		7,607(a)		
Likelihood Ratio		1	2	,000
		8,674		
N of Valid Cases		9		
		25		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 24,51.

## Bar Chart



## Pessoal Social S/ Outros

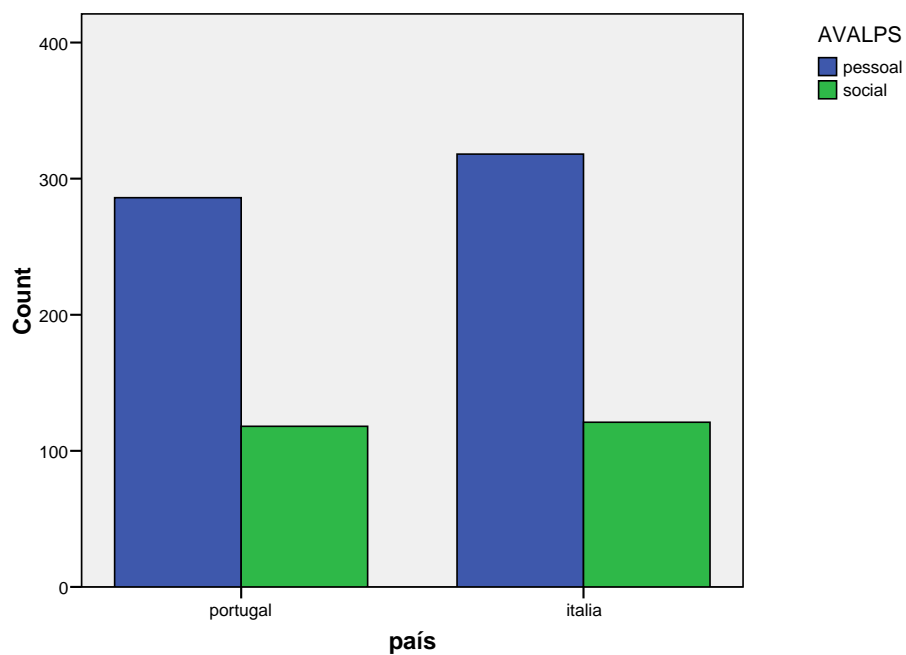
## Chi-Square Tests

	V	df	Asy mp. Sig. (2- sided)	Ex act Sig. (2- sided)	Ex act Sig. (1- sided)
Pearson Chi-Square	,280(b)	1	,596		
Continuity Correction(a)	,205	1	,651		
Likelihood Ratio	,280	1	,597		
Fisher's Exact Test				,646	,325
N of Valid Cases	843				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 114,54.

## Bar Chart



## Negativo Ambíguo S/ Outros

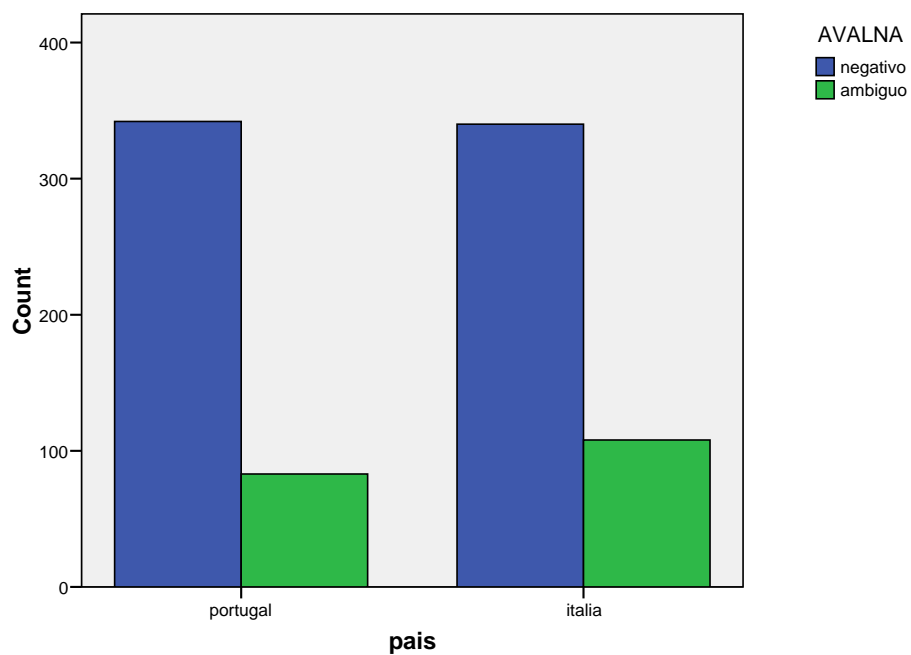
## Chi-Square Tests

	V	df	Asy mp. Sig. (2- sided)	Ex act Sig. (2- sided)	Ex act Sig. (1- sided)
Pearson Chi-Square	2,674(b)	1	,102		
Continuity Correction(a)	2,413	1	,120		
Likelihood Ratio	2,681	1	,102		
Fisher's Exact Test				,120	,060
N of Valid Cases	873				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 92,98.

## Bar Chart



ANEXO F



Itália

Felicidade

Positivo Ambíguo

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,148	,037	4,348	,000
Agreement	4			
N of Valid Cases	89			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,168	,037	4,597	,000
Agreement	4			
N of Valid Cases	89			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,216	,037	6,250	,000
Agreement	4			
N of Valid Cases	89			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Itália

Felicidade

Pessoal-Social

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,103	,034	3,027	,002
N of Valid Cases	486			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,039	,035	1,138	,255
N of Valid Cases	486			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,207	,038	5,963	,000
N of Valid Cases	486			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Itália

Infelicidade

Negativo-Ambíguo

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,17	,036	3,363	,001
N of Valid Cases	489			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,145	,036	4,279	,000
N of Valid Cases	489			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,16	,035	3,382	,001
N of Valid Cases	489			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Itália

Infelicidade

Pessoal-Social

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,056	,034	1,698	,090
N of Valid Cases	489			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,075	,035	2,217	,027
N of Valid Cases	489			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,120	,034	3,624	,000
N of Valid Cases	489			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Portugal

Felicidade

Positivo-Ambíguo

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,28	,043	5,830	,000
N of Valid Cases	48			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,158	,043	3,964	,000
N of Valid Cases	48			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,140	,043	3,578	,000
N of Valid Cases	48			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Portugal

Felicidade

Pessoal-Ambíguo

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,293	,038	8,004	,000
N of Valid Cases	48			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,180	,040	4,680	,000
N of Valid Cases	48			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,240	,037	6,522	,000
N of Valid Cases	48			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Portugal

Infelicidade

Negativo-Ambíguo

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,206	,041	5,489	,000
N of Valid Cases	436			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,206	,041	5,489	,000
N of Valid Cases	436			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa Agreement	,155	,040	3,977	,000
N of Valid Cases	436			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Portugal

Infelicidade

Pessoal-Social

1x2

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,258	,040	7,082	,000
Agreement				
N of Valid Cases	436			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

1x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,197	,040	5,309	,000
Agreement				
N of Valid Cases	436			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

2x3

**Symmetric Measures**

	Value	Asymp. Std. Error(a)	Approx. T(b)	Approx. Sig.
Measure of Kappa	,248	,040	6,558	,000
Agreement				
N of Valid Cases	436			

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.